NÚCLEO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA

FHORESP

PERSPECTIVAS DO SETOR DE ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO PARA O FIM DE ANO 2025

NOVEMBRO DE 2025

Núcleo de Pesquisa e Estatística da FHORESP – Federação de Hotéis, Bares e Restaurantes do Estado de São Paulo

COORDENADO POR

Luís Carlos Burbano
Economista

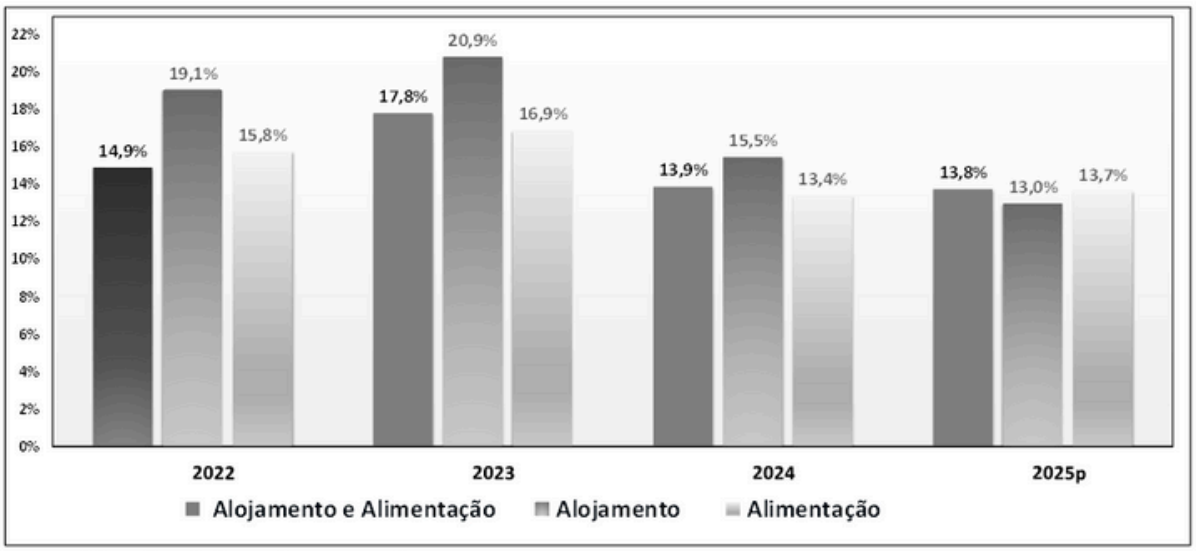
PERSPECTIVAS DO SETOR DE ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO PARA O FIM DE ANO 2025

Segundo levantamento do Núcleo de Pesquisas e Estatísticas (NPE) da Federação de Hotéis, Restaurantes e Bares do Estado de São Paulo (FHORESP), coordenado pelo economista Luis Carlos Burbano, a temporada de final de ano deverá apresentar um desempenho particularmente forte para o setor de alojamento e alimentação. As estimativas apontam para uma aceleração relevante da atividade em dezembro, impulsionada pelo crescimento do turismo doméstico, pela maior circulação de renda no período e pelo tradicional aumento da demanda por viagens, hospedagem e serviços de alimentação.

As projeções realizadas pelo NPE/FHORESP, utilizando metodologia combinada entre a Tabela de Recursos e Usos (TRU) do Sistema de Contas Nacionais e os índices de receita nominal da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS/IBGE), aplicando um modelo estatístico do tipo SARIMA, apontam que o setor de alojamento e alimentação poderá faturar, em dezembro de 2025, entre R$ 70,1 bilhões e R$ 80,1 bilhões. Esse intervalo reflete dois cenários construídos com base na sazonalidade histórica do setor e o comportamento projetado da atividade turística e econômica no país.

No caso do alojamento, o faturamento esperado varia entre R$ 9,0 bilhões e R$ 11,1 bilhões, enquanto o segmento de alimentação fora do domicílio deverá movimentar entre R$ 61,1 bilhões e R$ 69,0 bilhões. Essa diferença entre os dois segmentos segue o padrão estrutural captado pela TRU, na qual os serviços de alimentação representam, historicamente, mais de 85% do faturamento total do agrupamento.

Brasil: Taxa de Crescimento Mensal da Receita Nominal nos Serviços de Alojamento e Alimentação Entre Novembro e Dezembro de Cada Ano. 2022 a 2025

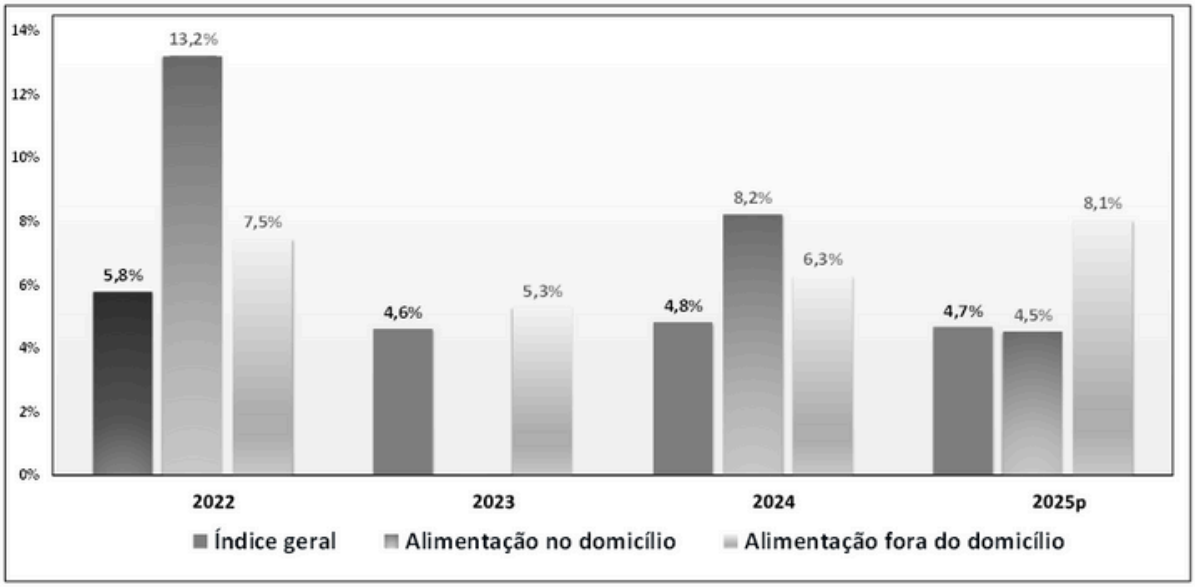


Fonte: Elaboração própria com base na PMS do IBGE

Os resultados do modelo de projeção também indicam que, em um cenário mediano ou de base, a receita nominal do setor de alojamento e alimentação no Brasil deve registrar, em dezembro de 2025, uma taxa de crescimento mensal compatível com o padrão observado no ano imediatamente anterior, situando-se em 13,8%, com valores muito próximos para os dois segmentos: alojamento e alimentação fora do domicílio de 13,0% e 13,7%. Essa estimativa se encontra abaixo em relação com o comportamento registrado entre 2022 e 2023, período em que as variações entre novembro e dezembro oscilaram entre 14,9% e 17,8%, que refletem o maior dinamismo da economia nesses anos.

Para janeiro de 2026, o modelo aponta uma variação negativa no agregado, mesmo após ajuste sazonal. Trata-se, porém, de um movimento técnico e recorrente, e não de uma indicação de retração estrutural da demanda. Historicamente, janeiro registra queda significativa nos indicadores nominais após o pico excepcional de dezembro, movimento amplamente observável nas séries oficiais da PMS. As projeções também mostram que essa dinâmica não é homogênea entre os segmentos: enquanto na alimentação fora do domicílio se projeta uma retração acentuada (−16,3%), influenciada pelo ajuste natural dos orçamentos familiares após as festas de fim de ano, o alojamento projeta crescimento positivo (+12,2%), beneficiado pela continuidade das viagens de férias e pela elevada ocupação hoteleira característica do período. Assim, a redução projetada para o agregado deve ser interpretada como parte do ciclo sazonal típico do setor e não como sinal de perda de dinamismo.

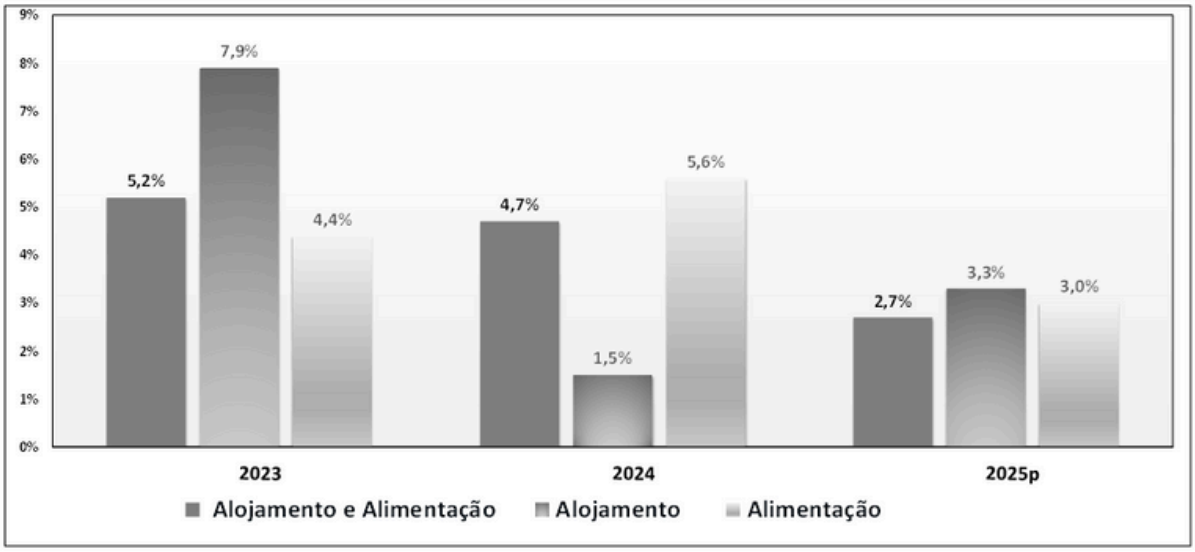
Brasil: Taxa de Crescimento Anual do IPCA. 2022 a 2025



Fonte: IBGE

Um fator importante que ajuda a explicar o comportamento das receitas nominais do setor é a dinâmica recente dos preços, especialmente da alimentação fora do domicílio. Entre 2022 e 2025, a inflação acumulada desse subgrupo atinge aproximadamente 27,1%, percentual um pouco superior ao observado na alimentação no domicílio (25,5%) e significativamente maior do que a inflação geral do período (19,9%). Esse diferencial indica que bares, restaurantes e outros estabelecimentos de alimentação vêm ajustando seus cardápios de forma contínua para recompor margens e acompanhar a evolução dos custos, sobretudo de gêneros alimentícios, energia, aluguel e serviços terceirizados. Assim, parte do crescimento nominal projetado para dezembro de 2025 reflete não apenas a expansão da demanda e a alta sazonal do setor, mas também o efeito de indexação decorrente desse ciclo inflacionário específico, que tende a elevar a receita nominal independentemente do comportamento do volume real de serviços.

Brasil: Taxa de Crescimento Anual do Volume dos Serviços de Alojamento e Alimentação. 2023 a 2025



Fonte: Elaboração própria com base na PMS do IBGE

No balanço do ano, as projeções do NPE/FHORESP indicam que o setor de alojamento e alimentação deve encerrar 2025 com um crescimento real de aproximadamente 2,7% no volume de serviços, patamar que representa uma desaceleração moderada em relação aos anos anteriores, especialmente quando comparado ao forte dinamismo de 2023 (5,2%) e à recomposição parcial observada em 2024 (4,7%).

A leitura desagregada dos segmentos revela trajetórias distintas. O alojamento deve registrar uma expansão próxima de 3,3% em 2025, ritmo superior ao observado em 2024 (1,5%), o que sugere um processo de normalização após o enfraquecimento temporário associado ao ciclo macroeconômico mais apertado e à desaceleração do turismo internacional. A projeção contempla a continuidade do crescimento do turismo doméstico, a mobilização das viagens de férias e eventos e a gradual

recomposição da demanda corporativa, elementos que tendem a reforçar o volume de hospedagens a partir do terceiro trimestre.

Já o segmento de alimentação fora do domicílio, embora mantenha desempenho positivo, caminha para um crescimento um pouco menor, estimado em 3,0% para 2025, após avanços mais expressivos em 2023 (4,4%) e 2024 (5,6%). A suavização do ritmo é consistente com a desaceleração da renda disponível ao longo do ano e com os ajustes de preços acumulados no período 2022–2024, que podem ter moderado o consumo marginal em bares e restaurantes. Ainda assim, o setor mantém resiliência, sustentado pelo aumento da mobilidade urbana, pelos hábitos consolidados de alimentação fora do domicílio e pela natureza predominantemente imediata e à vista desse tipo de consumo, menos sensível às condições restritivas de crédito.

Assim, as projeções reforçam que o crescimento real de 2025 será positivo, mas menos intenso, refletindo um ambiente de consumo mais estável, com normalização sazonal e macroeconômica após dois anos de forte recuperação pós-pandemia.

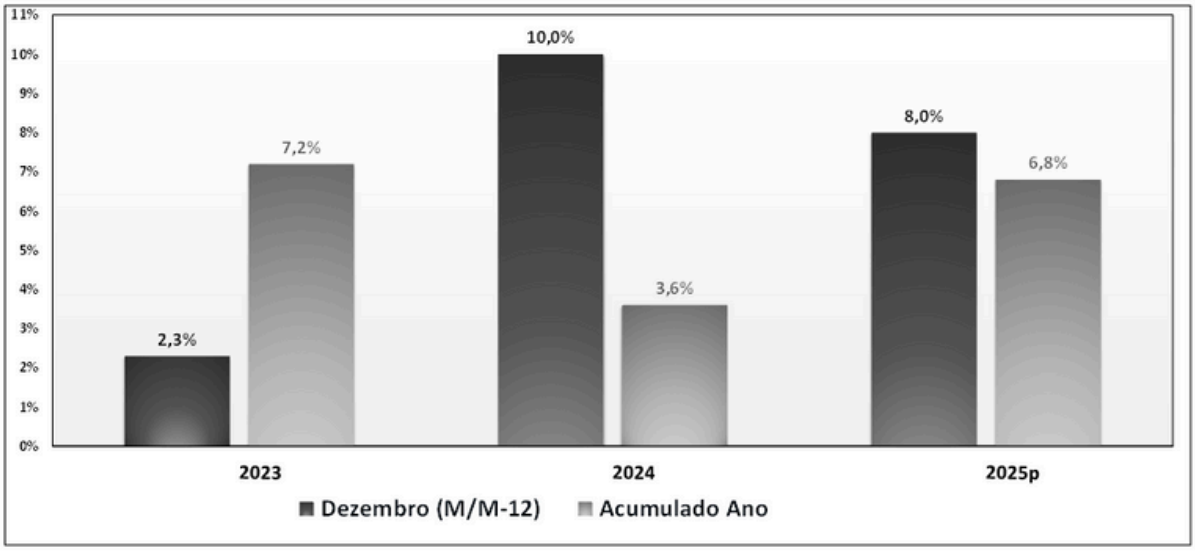
O resultado obtido é coerente com o cenário macroeconômico projetado para 2025. De um lado, persistem condições favoráveis ao consumo de serviços, especialmente nos segmentos mais sensíveis à renda e à mobilidade urbana. A combinação entre renda real em recuperação, mercado de trabalho ainda aquecido, impulsionado pela expansão do emprego formal e pela desaceleração gradual da inflação geral e a inflação de serviços em trajetória de moderação tende a sustentar o avanço do consumo de alimentação fora do domicílio e a continuidade das viagens de curta distância realizadas pelas famílias. Esse ambiente é reforçado pelo dinamismo do turismo doméstico, que segue como principal motor do setor, beneficiado pela ampliação da malha aérea, maior competição entre companhias, interiorização dos fluxos turísticos e fortalecimento de destinos regionais.

Por outro lado, a conjuntura também incorpora fatores de contenção, consistentes com o diagnóstico apresentado pelo IPEA. A atividade econômica brasileira perde fôlego ao longo do segundo semestre de 2025, em linha com o crescimento modesto do PIB e com os efeitos do ciclo de aperto monetário iniciado pelo Banco Central. A política de juros mais altos, enfatizada pelo IPEA como “particularmente rápida e bastante firme”, tende a manter o crédito mais caro e seletivo, reduzindo o dinamismo de segmentos dependentes de financiamento e limitando o impulso de demanda em alguns serviços de maior elasticidade-renda. Além disso, a desaceleração da economia norte-americana e a menor diferença entre as taxas de juros do Brasil e dos Estados Unidos reduzem o espaço para estímulos adicionais[1].

[1] INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Carta de Conjuntura, n. 68, 3º trimestre de 2025. Brasília: Ipea, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br\

Em relação ao turismo, as projeções do NPE/FHORESP com base na Pesquisa Mensal de Serviços (PMS/IBGE) indicam que dezembro de 2025 deverá registrar um crescimento expressivo de 8,0% no volume das atividades turísticas em comparação com o mesmo mês do ano anterior. Esse avanço representa uma expansão robusta e alinhada ao padrão de aceleração sazonal característico do último trimestre do ano, impulsionado pelas férias escolares, pelo aumento das viagens domésticas e pelo forte fluxo para destinos de verão. No acumulado do ano, o setor também apresenta desempenho notável: o volume das atividades turísticas deve encerrar 2025 com alta de 6,8% em relação a 2024, mais que o dobro do resultado registrado no ano anterior (3,6%). Esse movimento confirma que o turismo brasileiro vive um ciclo de expansão sólido, sustentado por múltiplos vetores estruturais de demanda e oferta.

Brasil: Taxa de Crescimento Anual do Volume dos Serviços Turísticos de em Dezembro em Relação com o Mesmo Período do Anterior e Acumulado Ano. 2023 a 2025



Fonte: Elaboração própria com base na PMS do IBGE

Diversas evidências externas corroboram o cenário positivo observado na PMS/IBGE. Em 2025, o Brasil atingiu recordes históricos no turismo internacional, ultrapassando 8 milhões de visitantes estrangeiros, com expectativa de superar 9 milhões até o final do ano, além de registrar um ingresso de US$ 6,6 bilhões em receitas cambiais provenientes do turismo receptivo. Esse dinamismo fortalece diretamente as cadeias de hospedagem, alimentação, transporte, entretenimento e outros serviços associados ao setor. Ao mesmo tempo, o turismo doméstico permaneceu como o principal motor da atividade, impulsionado pela expansão da malha aérea e pela maior competição entre companhias, pela recuperação do poder de compra das famílias, pela manutenção de um mercado de trabalho aquecido, pelo fortalecimento dos destinos regionais e interiorização do fluxo turístico, pelo calendário intenso de eventos corporativos, culturais e esportivos e pela retomada plena das viagens de curta duração.

O comportamento positivo também se reflete nos territórios. Segundo a PMS/IBGE, até setembro de 2025, o volume das atividades turísticas acumulado em 12 meses mostra crescimento disseminado entre a maioria das Unidades da Federação. Estados como Amazonas (13,2%), Ceará (9,8%), Bahia (8,8%), Pará (8,8%), Rio Grande do Norte (8,0%) e Rio de Janeiro (10,6%) apresentam os maiores avanços, impulsionados tanto pelo turismo de lazer quanto pela retomada do fluxo internacional. Estados do Sul e Sudeste, como São Paulo (6,8%), Paraná (7,5%), Rio Grande do Sul (6,8%), Goiás (5,7%) e Distrito Federal (5,9%), também registram expansão consistente, sustentada sobretudo pelo turismo corporativo, pelos grandes eventos e pelas viagens regionais. Apenas alguns estados, como Minas Gerais (-1,6%) e Mato Grosso (-1,7%), apresentam retração, explicada por particularidades locais, menor exposição ao turismo internacional e desaceleração do turismo de negócios.

Esses dados reforçam que a expansão do turismo em 2025 foi generalizada e estrutural, embora heterogênea entre regiões. A combinação de avanços em destinos-chave, retomada do turismo internacional e intensificação das viagens domésticas fortalece de maneira decisiva o setor de alojamento e alimentação. Assim, o turismo brasileiro em 2025 consolidou-se como um vetor central do crescimento dos serviços, ampliando o faturamento do alojamento, dinamizando o consumo em alimentação fora do domicílio e contribuindo diretamente para o aumento do emprego, da renda e da atividade econômica regional. O ritmo consistente captado pela PMS/IBGE e pelos indicadores de mercado aponta para um cenário de continuidade e fortalecimento dessa tendência nos próximos anos.

DESCOLAMENTO ENTRE PREÇO E QUANTIDADE: UM DIAGNÓSTICO DA DINÂMICA RECENTE DOS SERVIÇOS DE ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO

Entre 2023 e 2025, o setor de alojamento e alimentação no Brasil passou por um processo que, à primeira vista, pode parecer paradoxal: o faturamento nominal cresceu de forma intensa, enquanto o volume real de serviços registrou uma expansão relativamente moderada. Em outras palavras, as receitas avançaram bem mais rápido do que a quantidade de refeições servidas, diárias de hotel vendidas ou serviços efetivamente prestados.

Os dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS/IBGE) e os indicadores de preços do IPCA mostram que esse comportamento não é um erro estatístico, mas o resultado natural de um setor fortemente pressionado por custos crescentes (alimentos, energia, salários, insumos), ao mesmo tempo em que atende a uma demanda resiliente, impulsionada pelo mercado de trabalho aquecido, pela recuperação da renda real e pelo dinamismo do turismo doméstico e internacional.

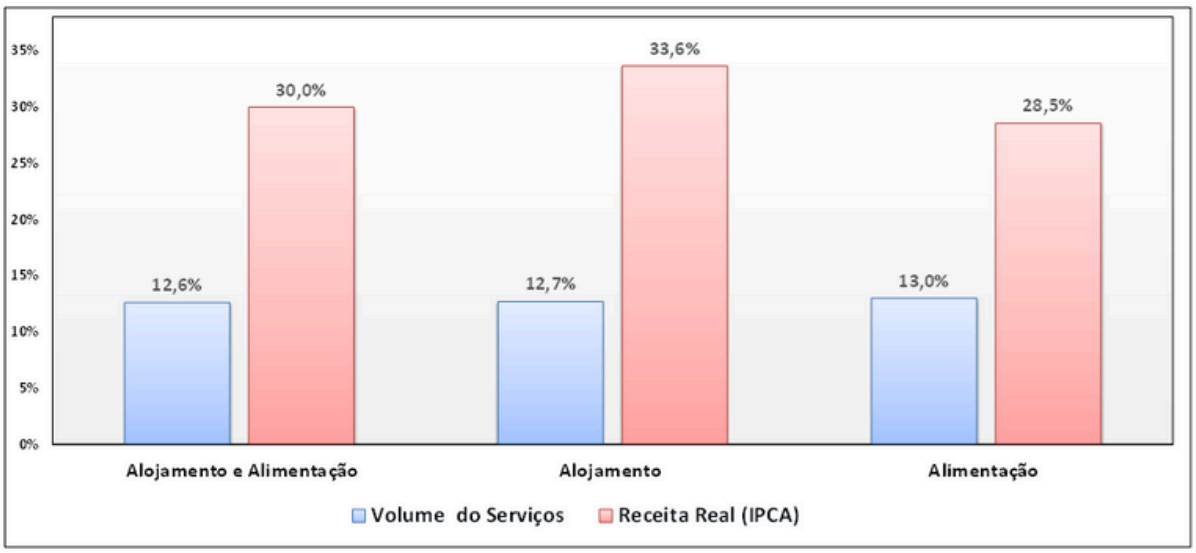
O objetivo desta seção da Nota Técnica é explicar, de forma técnica e didática, por que a receita nominal cresce muito mais do que o volume, o que isso revela sobre a demanda e o que provavelmente ocorreu com os lucros e as margens do setor de alojamento e alimentação entre 2023 e 2025.

a) Crescimento nominal x crescimento real: o descolamento estrutural

A leitura integrada dos dois gráficos que comparam o crescimento acumulado da receita real dos serviços de alojamento e alimentação, deflacionada pelo IPCA geral, pelo IPCA da alimentação no domicílio e pelo IPCA da alimentação fora do domicílio, em relação ao crescimento do volume de serviços entre 2023 e 2025 permite compreender de forma clara e consistente o fenômeno estrutural de descolamento entre preço e quantidade no setor. Em todos os cenários simulados, independentemente do índice de preços utilizado, observa-se que o volume físico de serviços cresceu relativamente pouco, algo em torno de 12,6% a 13% no período, enquanto a receita real acumulada cresceu entre 24% e 36%. Essa diferença é significativa e indica que a maior parte da expansão do faturamento real não decorre de um aumento na quantidade de diárias, refeições ou atendimentos, mas sim de um aumento expressivo no valor gasto por consumidor, resultado de repasses de preços, mudanças no mix de consumo e maior sofisticação da oferta.

No primeiro gráfico, ao deflacionar pela inflação geral da economia, nota-se que a receita real do setor avança cerca de 30% no agregado, 33,6% no alojamento e 28,5% na alimentação. Como o volume cresce menos da metade disso, fica evidente que os serviços do setor tiveram um aumento real de preços acima do restante da economia, reforçando o impacto dos custos elevados e da capacidade de repasse por parte dos estabelecimentos.

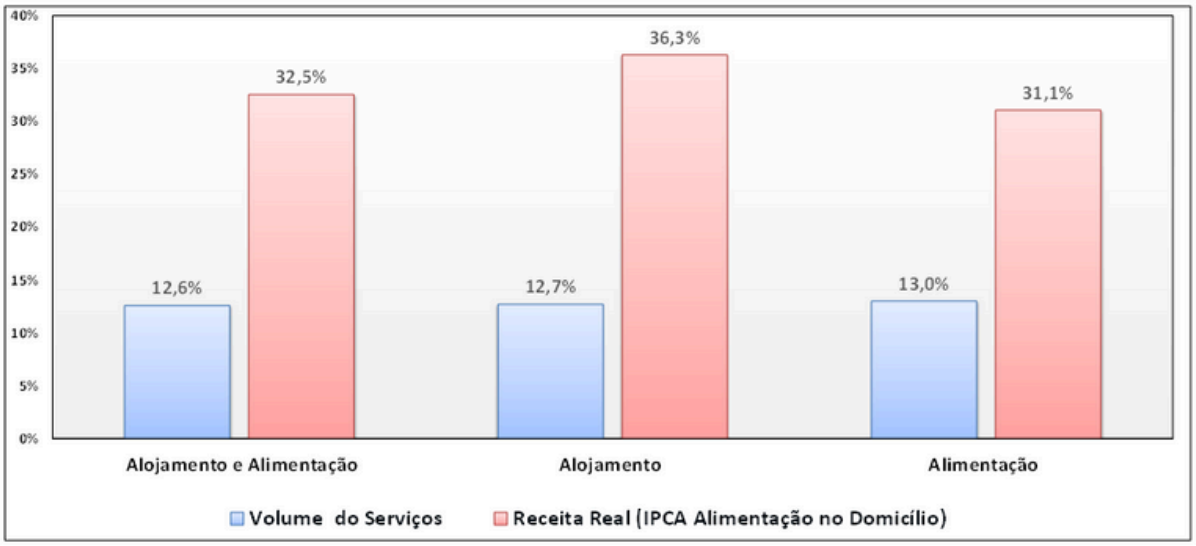
Brasil: Taxa de Crescimento Acumulada Entre 2023 e 2025 do Volume e da Receita Real de Alojamento e Alimentação Deflacionada Pelo IPCA Geral



Fonte: Elaboração própria com base na PMS do IBGE

No segundo gráfico, quando o deflator é o IPCA da alimentação no domicílio, uma boa aproximação dos custos de insumos básicos, o crescimento da receita real fica ainda maior, entre 31% e 36%. Isso mostra que, embora os insumos tenham encarecido fortemente no período, os bares, restaurantes e hotéis conseguiram repassar parte relevante desses custos, preservando e até ampliando o poder de compra de sua receita, mesmo em um ambiente inflacionário adverso.

Brasil: Taxa de Crescimento Acumulada Entre 2023 e 2025 do Volume e da Receita Real de Alojamento e Alimentação Deflacionada Pelo IPCA da Alimentação no Domicílio



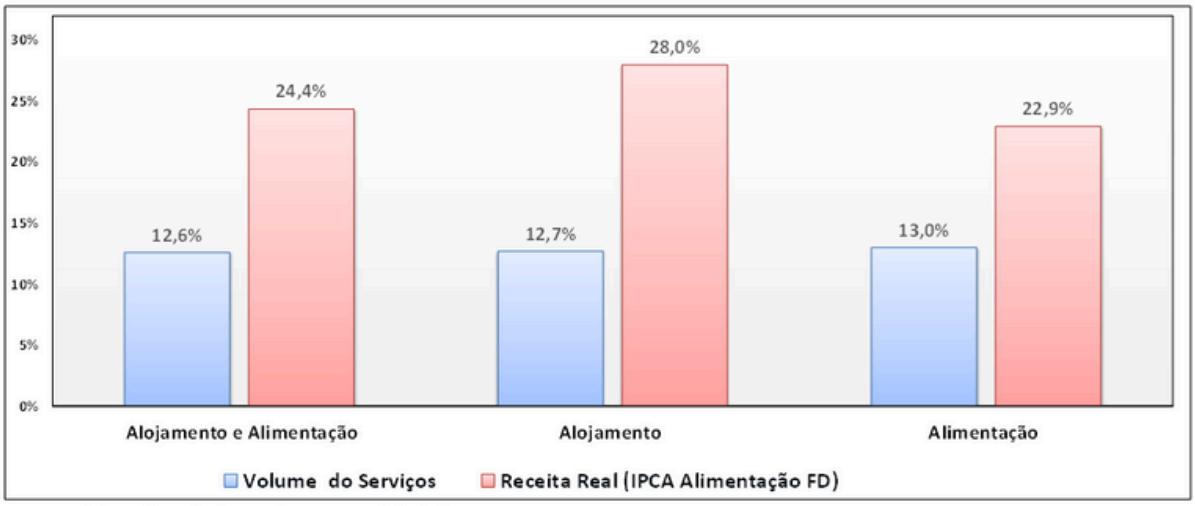
Fonte: Elaboração própria com base na PMS do IBGE

O terceiro gráfico, talvez o mais elucidativo, utiliza o IPCA da alimentação fora do domicílio, que é o índice mais diretamente vinculado aos preços efetivamente cobrados pelo setor. Nele, o crescimento real da receita, entre 22,9% e 28%, é menor do que nos demais gráficos, mas ainda muito superior ao crescimento do volume. Isso significa que, mesmo depois de descontar o reajuste dos próprios preços do setor, ainda existe um ganho real relevante. Em outras palavras, não se trata apenas de inflação ou recomposição de custos: há um aumento real do gasto médio por cliente, impulsionado por fatores como maior consumo de itens de maior valor agregado, políticas de preços mais dinâmicas, ampliação da oferta de experiências gastronômicas e turísticas e um mercado de trabalho mais aquecido, que amplia a renda disponível das famílias.

O conjunto dos gráficos reforça a conclusão de que o setor não está apenas vendendo mais unidades de serviços, mas está vendendo serviços mais caros, mais sofisticados e com maior disposição a pagar por parte do consumidor. A demanda, embora cresça pouco, cresce de forma consistente nos últimos três anos, mostrando resiliência e sustentação estrutural. O volume não explode, mas se mantém em expansão moderada, ao mesmo tempo em que o ticket médio cresce aceleradamente, explicando porque o faturamento real avança tão acima da quantidade. Trata-se de um padrão típico de setores com forte pressão de custos, demanda relativamente inelástica e

alto poder de repasse, onde a recomposição de margens e o aumento gradativo da qualidade e do valor percebido constituem motores fundamentais do crescimento.

Brasil: Taxa de Crescimento Acumulada Entre 2023 e 2025 do Volume e da Receita Real de Alojamento e Alimentação Deflacionada Pelo IPCA da Alimentação Fora do Domicílio



Fonte: Elaboração própria com base na PMS do IBGE

Assim, os três gráficos, quando analisados em conjunto, deixam evidente que o setor de alojamento e alimentação, no período 2023–2025, vive uma expansão baseada não apenas na quantidade de serviços prestados, mas sobretudo na elevação do valor real por consumo, mostrando um setor em transição para um perfil de maior sofisticação, maior valor agregado e maior sensibilidade aos custos, e cuja dinâmica de preços supera amplamente a evolução do volume físico captado pela PMS.

b) Por que os preços subiram tanto?

Entre 2022 e 2025, a inflação acumulada apresentou comportamento assimétrico entre os diferentes grupos de preços:

a) IPCA geral em torno de 19,9%;
b) alimentação no domicílio em torno de 25,5%;
c) alimentação fora do domicílio em torno de 27,1%.

Esse diferencial mostra que os estabelecimentos de alimentação e hospedagem enfrentaram um ambiente de custos claramente pressionado, sobretudo no que diz respeito aos insumos alimentares e aos custos operacionais. Alguns componentes foram decisivos para explicar a necessidade de reajustes de preços no setor.

i. Insumos de alimentos e bebidas

Os preços de carnes, grãos, laticínios, hortifrutis e produtos industrializados avançaram de forma expressiva. Para bares, restaurantes e lanchonetes, isso significou aumento direto do custo de produção de cada refeição, obrigando a revisões frequentes de cardápios e reajustes de preços

.

ii. Custos de trabalho

A partir de 2023, o mercado de trabalho voltou a se aquecer, com aumento da ocupação e recomposição parcial dos salários reais. Como o setor de alojamento e alimentação é intensivo em mão de obra, os gastos com pessoal pesam fortemente na estrutura de custos, pressionando a necessidade de repasses.

iii. Outros custos operacionais

Energia elétrica, gás, aluguel, manutenção predial, logística, insumos importados e serviços contratados também ficaram mais caros, ampliando os custos fixos e variáveis de hotéis, pousadas, bares e restaurantes.

iv. Turismo, sazonalidade e tarifas dinâmicas

Na hotelaria, a combinação de turismo aquecido, períodos de alta temporada e adoção de tarifas dinâmicas elevou o preço médio das diárias, especialmente em destinos turísticos tradicionais e em grandes centros urbanos. Esse movimento contribuiu para o aumento do valor médio dos serviços, ainda que o volume de hóspedes não tenha crescido na mesma proporção.

Diante desse cenário, os estabelecimentos não tinham alternativa senão reajustar cardápios, diárias e serviços. Na prática, os preços subiram não para gerar um 'superlucro', mas para evitar prejuízos e recompor margens que haviam sido comprimidas em períodos anteriores.

b) E a demanda? O que os dados dizem sobre o volume de serviços?

Apesar do aumento de preços, o volume de serviços de alojamento e alimentação não caiu. Pelo contrário, cresceu, ainda que em ritmo moderado dentro do padrão do crescimento médio da economia do país. Entre 2023 e 2025, o volume acumulado de serviços desses segmentos aumentou em torno de 12,6% a 13%, o que corresponde a algo como 2,7% a 3,3% ao ano.

Esse desempenho é crucial para entender o comportamento da demanda: não houve uma explosão de consumo, mas também não se observou retração persistente. O que se evidencia é um crescimento gradual e sustentado, em linha com a melhora do mercado de trabalho, a recuperação da renda real e o dinamismo do turismo.

Na prática, isso significa que há mais gente viajando, se hospedando e consumindo alimentação fora do domicílio do que nos anos imediatamente anteriores, ainda que o ritmo de crescimento da quantidade seja menor do que o ritmo de crescimento da receita.

d) Fatores que sustentam o aumento da demanda

O aumento moderado, porém, consistente, do volume de serviços pode ser explicado por um conjunto de fatores estruturais e conjunturais.

i. Mercado de trabalho aquecido e renda em recuperação

A melhora gradual da ocupação e a recomposição da renda real ampliam a capacidade de consumo de serviços, em especial em alimentação fora do domicílio e hospedagem. Com mais pessoas empregadas e renda ligeiramente maior, cresce o espaço para gastos com lazer, viagens e refeições fora de casa.

ii. Turismo doméstico e internacional em expansão

O turismo tem desempenhado papel decisivo na sustentação da demanda, tanto no segmento doméstico quanto no receptivo. O aumento dos fluxos internos, os recordes de turistas estrangeiros e a interiorização dos destinos ajudam a explicar a expansão do consumo de serviços de hospedagem e alimentação em várias regiões do país.

iii. Mudanças nos hábitos de consumo

A maior participação da alimentação fora do domicílio no orçamento das famílias é uma tendência de longo prazo, relacionada à urbanização, às jornadas de trabalho extensas, à maior inserção feminina no mercado de trabalho e à valorização de experiências de lazer e gastronomia. Esses fatores reforçam a resiliência da demanda, mesmo com preços mais altos.

iv. Digitalização, delivery e novos canais

Plataformas digitais de entrega, sistemas de reserva on-line e aplicativos de avaliação e fidelização ampliaram o acesso dos consumidores a bares, restaurantes e hotéis. A digitalização também permitiu que muitos estabelecimentos reorganizaram seu modelo de negócios, alcançando novos públicos e horários de consumo.

e) O que aconteceu com o lucro e com as margens?

Quando se combina um forte crescimento do faturamento nominal com inflação elevada de custos e um aumento moderado do volume de serviços, é natural perguntar se as empresas passaram a lucrar muito mais. À luz dos dados e da lógica econômica, a resposta é: não necessariamente.

Em muitos casos, o que ocorreu foi uma recomposição parcial das margens, após períodos de compressão. O aumento de preços serviu, sobretudo, para compensar o encarecimento de insumos e demais custos operacionais. Em termos gerais, o setor faturou mais, mas não ficou proporcionalmente mais lucrativo no agregado: o ganho de margem foi limitado e em alguns segmentos as margens permaneceram apertadas.

f) Exemplo simples para leigos: o restaurante dos 100 pratos

Para ilustrar de forma simples, considere o exemplo de um restaurante que vende 100 pratos por dia.

Situação 1 – Antes (2023):

- Preço médio do prato: R$ 25
- Receita diária: 100 × 25 = R$ 2.500
- Custos (ingredientes, gás, salários etc.): R$ 2.000
- Lucro diário: R$ 500
- Margem: 500 / 2.500 = 20%

Situação 2 – Depois (2025):

- Custos sobem (alimentos, energia, salários, embalagens);
- Novo preço médio do prato: R$ 32 (alta de 28%);
- Volume permanece em 100 pratos por dia.

Nesse cenário:

- Receita diária: 100 × 32 = R$ 3.200
- Custos atualizados: aproximadamente R$ 2.650
- Lucro diário: R$ 550
- Margem: 550 / 3.200 ≈ 17,2%

O faturamento sobe de R$ 2.500 para R$ 3.200 (alta de 28%), mas o lucro sobe de R$ 500 para R$ 550 (apenas 10%). A margem, em vez de aumentar, cai de 20% para cerca de 17%. Ou seja, o restaurante fatura mais, mas não necessariamente lucra muito mais: parte relevante do aumento da receita serve apenas para cobrir custos mais altos.

g) Síntese do diagnóstico: preço, quantidade, demanda e margens

A partir da leitura combinada dos indicadores de receita nominal, receita real (deflacionada pelo IPCA geral e pelos índices de alimentação) e volume de serviços da PMS/IBGE, é possível construir um diagnóstico integrado:

a) O volume de serviços cresce pouco, mas cresce: há aumento real da demanda, sustentado por mercado de trabalho aquecido, renda em recuperação e turismo em expansão.

b) A receita real cresce muito mais do que o volume: isso aponta para forte aumento de preços, maior ticket médio e oferta de serviços de maior valor agregado. Os custos do setor aumentaram de forma intensa: alimentos, energia, mão de obra, logística e demais insumos pressionaram as empresas, exigindo repasses de preços.

c) O setor recompôs margens, mas não viveu um 'boom' de lucros generalizado: o aumento do faturamento serviu, em grande parte, para compensar custos crescentes, mantendo as empresas operando com margens estáveis ou apenas ligeiramente melhores.

d)O turismo atua como motor do setor: o dinamismo das atividades turísticas explica parte importante da demanda por hospedagem, alimentação fora do domicílio e serviços conexos.

Luis Carlos Burbano Zambrano
Economista, Coordenador do Núcleo de Pesquisas e Estatísticas
FHORESP – Federação de Hotéis, Restaurantes e Bares do Estado de São Paulo

NÚCLEO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA

FHORESP

www.fhoresp.com.br

secretaria@fhoresp.com.br

(11) 3327-2070

@fhoresp.oficial

Largo do Arouche, 290 – 7º andar – Vila Buarque – Cep: 01219-010 – São Paulo – SP